



Preço € 1,00. Número atrasado € 2,00

# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalent*

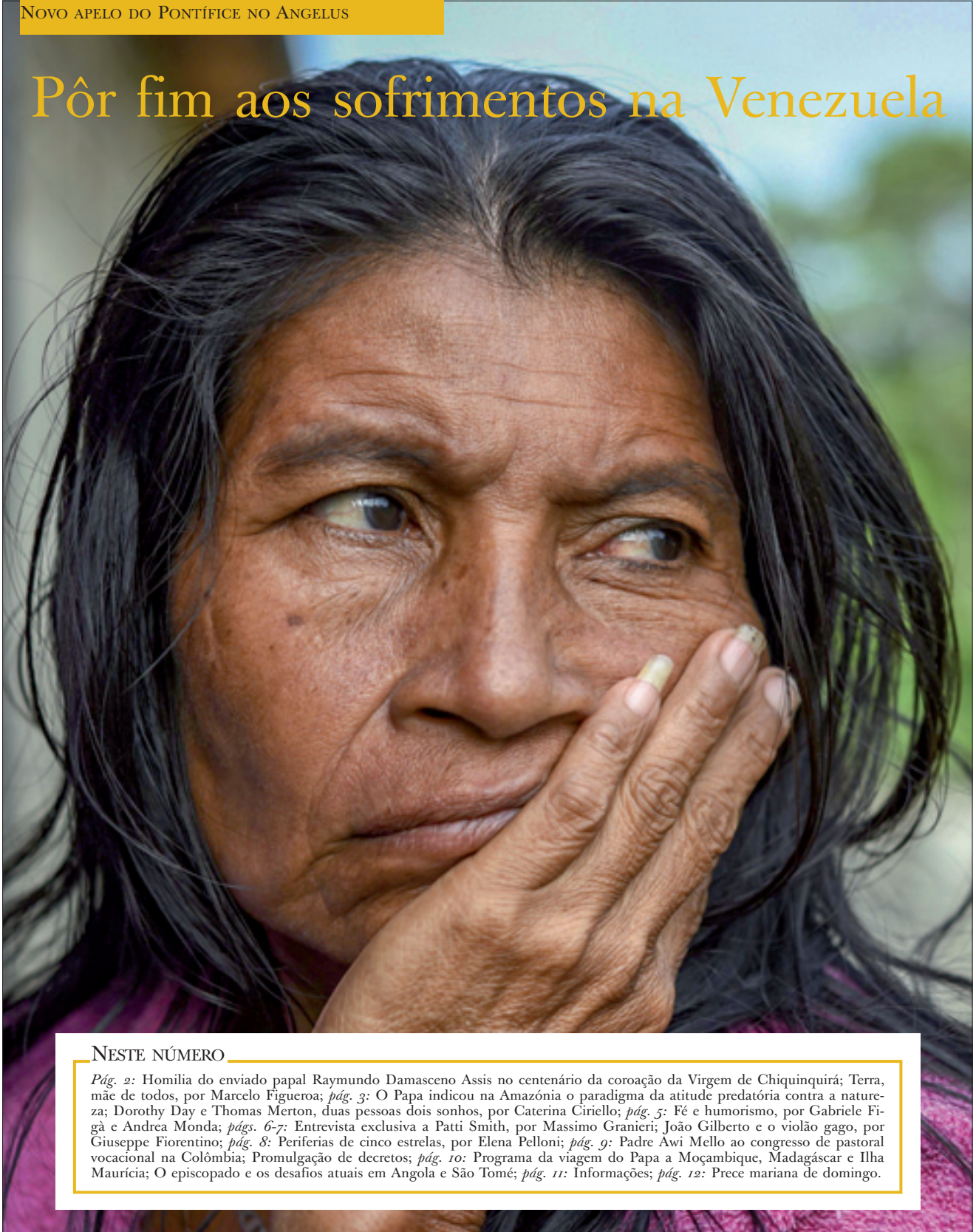
Ano L, número 29 (2.575)

Cidade do Vaticano

terça-feira 16 de julho de 2019

NOVO APELO DO PONTÍFICE NO ANGELUS

## Pôr fim aos sofrimentos na Venezuela



### NESTE NÚMERO

*Pág. 2:* Homilia do enviado papal Raymundo Damasceno Assis no centenário da coroação da Virgem de Chiquinquirá; Terra, mãe de todos, por Marcelo Figueroa; *pág. 3:* O Papa indicou na Amazônia o paradigma da atitude predatória contra a natureza; Dorothy Day e Thomas Merton, duas pessoas dois sonhos, por Caterina Ciriello; *pág. 5:* Fé e humorismo, por Gabriele Figà e Andrea Monda; *págs. 6-7:* Entrevista exclusiva a Patti Smith, por Massimo Granieri; João Gilberto e o violão gago, por Giuseppe Fiorentino; *pág. 8:* Periferias de cinco estrelas, por Elena Pelloni; *pág. 9:* Padre Awi Mello ao congresso de pastoral vocacional na Colômbia; Promulgação de decretos; *pág. 10:* Programa da viagem do Papa a Moçambique, Madagáscar e Ilha Maurícia; O episcopado e os desafios atuais em Angola e São Tomé; *pág. 11:* Informações; *pág. 12:* Prece mariana de domingo.

Homilia do enviado papal no centenário da coroação da Virgem de Chiquinquirá

## Espaço da ternura de Deus pelos mais pobres

«Espaço da ternura e do amor de Deus pelos pobres, os simples e os pequeninos». Assim o cardeal brasileiro Raymundo Damasceno Assis definiu o santuário nacional mariano erigido em honra da padroeira da Colômbia, presidindo a 9 de julho, como enviado especial do Papa, à celebração do centenário da coroação da Virgem de Chiquinquirá.

Na homilia, o arcebispo emérito de Aparecida recomendou aos presentes que «para um pouco para recitar o terço», dado que esta prática de piedade «ajuda a superar as situações difíceis que devemos enfrentar na nossa época». Depois, frisou que «muitas vezes recitar o rosário em família ou em comunidade é bastante difícil», mas

– garantiu – «os efeitos desta prece são de benefício incalculável». Ela, acrescentou o purpurado, «faz de nós pessoas muito mais contemplativas».

Depois de ter recordado as palavras de João Paulo II no Angelus de 29 de outubro de 1978, o segundo do seu longo pontificado – «o rosário é a minha oração predileta. Prece maravilhosa! Maravilhosa na sua simplicidade e profundidade» – o celebrante exortou a pegar no terço, voltando a descobrir «a Escritura, em harmonia com a liturgia no contexto da vida diária».

Como enviado do Papa Francisco, o cardeal afirmou que deseja consagrar a Colômbia à Virgem de Chiquinquirá. «Como não parar diante desta imagem e suplicá-la que continue a amparar e fortalecer o povo colombiano». Transmitindo a saudação do Pontífice aos milhares de peregrinos reunidos para a feliz circunstância, o purpurado manifestou «o seu mais sincero sentimento de unidade a cada um dos devotos que, na experiência genuína da própria fé, vêm a este nobre santuário para celebrar os cem anos da coroação». Do mesmo modo que «Deus me concedeu a graça de ser o arcebispo de Aparecida, no Brasil, onde eu convivia com os devotos da padroeira e rainha do Brasil – explicou – hoje sinto-me, aqui em Chi-

quinquirá, como um peregrino que veio para celebrar a Eucaristia e para recitar o terço com os devotos da Virgem do Rosário».

O cardeal agradeceu também aos padres dominicanos que, há muitas décadas, oficiam no santuário colombiano porque, graças à sua obra pastoral e à sua dedicação, fizeram dele «um lugar de esperança para o povo» deste país latino-americano. Os padres pregadores – acrescentou – seguindo o exemplo do seu fundador, Domingos de Gusmão, dedicaram-se com atitude fervorosa e paternal à propagação desta bonita devoção.

Finalmente, o arcebispo emérito de Aparecida referiu-se ao bicentenário da independência da Colômbia, convidando a «alegrar-se no Senhor por este tempo de graça e de júbilo». Porque, explicou, «construir a paz é um verdadeiro motivo de encontro fraterno e solidário, e por isso temos necessidade do auxílio de Maria, nossa Mãe». Depois de ter concedido a Bênção apostólica, o cardeal confiou aos presentes a exortação de implorar a Virgem de Chiquinquirá a fim de que proteja a Nação.

No início da missa, o arcebispo Luís Mariano Montemayor, núncio apostólico na Colômbia, leu a carta de nomeação do cardeal como enviado especial do Sumo Pontífice. Além de numerosos bispos colombianos e do reitor do santuário, o padre dominicano Carlos Mario Alzate, estava presente também o presidente da República, Iván Duque Márquez. O chefe de Estado declarou que veio como peregrino, para prestar homenagem à padroeira que iluminou a Colômbia em todos os momentos, tanto de alegria como de dificuldade, mas sempre soube orientar a Nação pelos caminhos do bem e no meio das adversidades.



Reprodução da imagem da Virgem, tirada da tela original de 1562 conservada no santuário colombiano

MARCELO FIGUEROA

A sugestão de «encorajar a tradução da Bíblia nas línguas originais da Amazônia» contida no *Instrumentum laboris* do Sínodo (n. 139, capítulo VI) parece muito mais que oportuna e urgente. Além disso, o facto de estar incluído no capítulo «Diálogo ecuménico e inter-religioso» não só lhe confere um conteúdo ecológico religioso e linguístico integral, mas também o torna fundamental para o cuidado da casa comum, do ponto de vista antropológico e de subsistência das comunidades aborígenes amazónicas.

A ciência da tradução bíblica teve que seguir um caminho integral, inclusivo e ecuménico, do ponto de vista teológico e missionológico, para retornar às raízes culturais do Verbo encarnado (*João* 1, 14) e, ao mesmo tempo, teve que seguir outros caminhos, para tentar «dar um testemunho comum» de uma evangelização sem conquistas a partir das sa-

gradas Escrituras [...]. Das antigas traduções feitas pelos missionários, que se esforçavam por aprender as línguas originais, passamos à indispensável tarefa das referências linguísticas desses povos, para que servissem de base e desenvolvimento do texto traduzido. Em seguida, a literalidade na tradução teve que dar o lugar à dinâmica e à vitalidade idiomática de cada grupo étnico, preservando a sua cosmovisão, os seus costumes, o seu habitat e a sua cultura. Nesta tarefa é fundamental o papel da mulher aborígene, que muitas vezes serve de reserva idiomática da sua comunidade e de garantia de preservação linguística ao longo do tempo, usando a sua linguagem no cuidado dos seus filhos. Um exemplo-chave é a conservação e o desenvolvimento do guarani,

graças ao papel desempenhado pelas mulheres paraguaias que, sobrevivendo à guerra do Chaco, resistiram à conquista da língua do seu coração e assim lançaram as bases para que a língua aborígene se tornasse a língua oficial do Paraguai.

A admirável interação dos habitantes das comunidades aborígenes amazónicas com a criação será fundamental para a correta tradução da enorme variedade e quantidade de elementos da fauna e cosmos presentes nos contos bíblicos, que nas línguas aborígenes são característicos de um habitat de origem muito diferente. Por outro lado, o conceito de distribuição comunitária dos bens da terra – que tornou difícil em muitas traduções bíblicas a compreensão e o significado do termo “jejum” como privação do alimento re-

## Terra, mãe de todos

A tradução da Bíblia nas línguas indígenas

cebido pela graça da Mãe Terra – é um desafio maravilhoso para os tradutores. Ambos os conceitos, o de bem-estar comunitário solidário e o de uma Mãe Terra generosa e acolhedora, expressos numa tradução, por si só serão suficientes para deter o avanço de algumas teologias apocalípticas, dominionistas e de prosperidade individual que «têm um impacto negativo nos grupos amazónicos» (n. 137).

Por outro lado, o facto de que «outros grupos estejam presentes no meio da floresta amazónica perto dos mais pobres, desempenhando uma atividade de evangelização e educação» e permitindo-lhes «difundir a Bíblia traduzida nas línguas originais» (n. 138), apresenta pelo menos dois desafios e contribuições socioculturais. Primeiro, os milhares de palavras necessárias para traduzir o texto bíblico – que, aliás, muitas vezes não excedem a enorme riqueza

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +390669899420  
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico  
telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 38,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com



O Papa indicou na Amazônia o paradigma da atitude predatória contra a natureza

## As feridas infligidas ao meio ambiente são feridas à humanidade



No dia 6 de julho, realizou-se em Amatrice o segundo fórum das comunidades *Laudato si'* intitulado «Planeta Amazônia». Publicamos o texto da mensagem enviada para a ocasião pelo Papa Francisco.

Saúdo cordialmente os organizadores e participantes do II Fórum das *Comunidades Laudato si'*, que se celebra num território devastado pelo sismo que atingiu a Itália central em agosto de 2016 e que mais do que outros pagou um alto preço em número de vítimas.

É um sinal de esperança o facto de que vos encontreis precisamente em Amatrice, cuja recordação está sempre presente no meu coração, refletindo sobre os desequilíbrios que devastam a nossa “casa comum”. Não só é um sinal de proximidade a muitos irmãos e irmãs que ainda vivem no espaço entre a memória de uma terrível tragédia e a reconstrução que tarda a começar, mas exprime também o desejo de fazer ressoar alto e bom som que são os pobres que pagam o preço mais elevado da devastação ambiental. As feridas infligidas ao meio ambiente são inexoravelmente feridas infligidas à humanidade mais indefesa. Escrevi na Encíclica *Laudato si'*: «Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo.

Não há ecologia sem uma adequada antropologia» (n. 118).

Depois do debate do ano passado sobre a questão do plástico que está a sufocar o nosso planeta, hoje refletis sobre a grave e já não sustentável situação da Amazônia e dos povos que ali vivem. Inspirais-vos, portanto, no tema do Sínodo dos Bispos, que se realizará em outubro próximo para a região pan-amazónica, cujo *Instrumentum laboris* foi recentemente apresentado.

A situação da Amazônia é um triste paradigma do que está a acontecer em muitas partes do planeta: uma mentalidade cega e destrutiva que prefere o lucro à justiça; evidencia a atitude predatória com a qual o homem se relaciona com a natureza. Por favor, não vos esqueçais de que a justiça social e a ecologia estão profundamente interligadas! O que está a acontecer na Amazônia terá repercussões a nível planetário, mas já prostrou milhares de homens e mulheres que foram privados do seu território, que se tornaram estrangeiros nas suas terras, depauperados das próprias cultura e tradições, rompendo o equilíbrio milenar que unia esses povos à sua terra. O homem não pode permanecer um espectador indiferente diante desta destruição, nem a Igreja pode ficar calada: o grito dos pobres deve ressoar na sua boca,

como já evidenciava São Paulo VI na sua Encíclica *Populorum progressio*.

Promovidas pela Igreja de Rieti e *Slow Food*, as *Comunidades Laudato si'* estão comprometidas não só a divulgar o ensinamento proposto na homónima Encíclica, mas também a promover novos estilos de vida. Nesta perspectiva pragmática, gostaria de vos indicar três palavras.

### A primeira palavra é *doxologia*

Diante do bem da criação e sobretudo face ao bem do homem, que é o ápice da criação, mas também o guardião, é necessário adotar uma atitude de louvor. Diante de tal beleza, de renovada maravilha, de olhos infantis, devemos ser capazes de apreciar a beleza que nos circunda e com a qual também o homem foi criado. O louvor é fruto da contemplação, a contemplação e o louvor levam ao respeito, o respeito torna-se quase veneração diante dos bens da criação e do seu Criador.

### A segunda palavra é *Eucaristia*

A atitude eucarística em relação ao mundo e aos seus habitantes sabe captar o estatuto de dom que cada pessoa carrega dentro de si. Tudo nos é dado gratuitamente, não para ser depredado nem destruído, mas para se tornar, por sua vez, um dom a partilhar, um dom a doar para que a alegria seja para todos e, por conseguinte, maior.

### A terceira palavra é *ascese*

Qualquer forma de respeito vem de uma atitude ascética, isto é, da capacidade de saber renunciar a algo por um bem maior, pelo bem dos outros. A ascese ajuda-nos a converter a atitude predatória, sempre em emboscada, em partilha, em relações ecológicas, respeitadoras e educadas.

Faço votos a fim de que as *Comunidades Laudato si'* possam ser semente de um modo renovado de viver o mundo, para lhe dar um futuro, conservar a sua beleza e integridade para o bem de cada pessoa, *ad maiorem Dei gloriam*.

Agradeço-vos e abençoo-vos do fundo do coração. Rezai por mim!

Vaticano, 6 de julho de 2019

FRANCISCO

## Terra, mãe de todos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

idiomática destas comunidades – tornar-se-ão, como a experiência com outras traduções indígenas, uma espécie de dicionário impresso. Este valor bibliográfico seria um contributo fundamental para a preservação e definição da língua aborígene no concerto da ecologia idiomática e um reforço linguístico na defesa histórica da sua própria liberdade e independência cultural.

Seria também essencial abordar as traduções aborígenes em formatos de escrita áudio. Isso não só contribuiria para o reconhecimento do valor das línguas orais ou agráficas, com o seu universo cultural,

como também faria parte das próprias raízes das ciências bíblicas, que reconhecem a transmissão oral como princípio e fonte de preservação das histórias sagradas. Portanto, o facto de que biblistas, teólogos e agências bíblicas de todas as denominações cristãs estejam a começar a elaborar linhas de trabalho nessa direção, como sugere o documento acima mencionado (*ibid.*, n. 139), será fundamental para que essas traduções, sempre feitas a pedido das comunidades aborígenes, se tornem pontes de encontro e integração na ecologia integral expressa nos termos do primeiro parágrafo deste artigo.



CATERINA CIRIELLO

Há algum tempo que se escreve com mais interesse sobre Dorothy Day, fundadora, juntamente com Peter Maurin, do “Catholic Worker” e testemunha autêntica do pacifismo e da não-violência. Profetisa criticada também no seio da própria Igreja católica americana, com o seu pensamento – que tem muito a ver com o personalismo de Maritain – e com o seu testemunho, ela inspira numerosos outros intelectuais, entre os quais Thomas Merton, de cuja morte foi celebrado o cinquentenário no ano passado. Dele – em virtude do seu passado inquieto, errante e sem raízes – o padre Simeon Leiva disse que era “representativo do homem do século XX”. Como escreve Robert Ellsberg no prefácio de uma das cartas de Dorothy Day a Merton, este último, antes de entrar no mosteiro, tinha trabalhado com Catherine de Hueck, uma querida amiga de Dorothy, na “Friendship House” de Harlem.

Thomas Merton e Dorothy Day assemelham-se muito no percurso humano-espiritual. Desde cedo Merton ficou órfão de mãe e depois de pai, quando tinha apenas 16 anos. Filho de artistas, ele tinha uma alma extremamente sensível, que quis cultivar com os estudos humanísticos. Depois de uma longa e inquieta busca do transcendente, em 1938 recebe o Batismo na Igreja católica: naquela época já tinha sido fundado o “Catholic Worker”, e Dorothy Day convertera-se ao catolicismo havia doze anos, depois de uma longa e árdua luta consigo mesma e com Deus, convencendo-se finalmente de que só a fé e a caridade a teriam ajudado a compreender e a realizar os planos de Deus para a humanidade. Também ela, com 16 anos, tinha deixado a sua casa, os seus afetos, para viver no submundo de Nova Iorque e estar com os operários, os esquecidos da sociedade e as vítimas da ganância humana.

Considerando as obras e escritos de Dorothy Day, pensar-se-ia que ela nasceu demasiado cedo, e que Merton morreu cedo demais. E, sem dúvida, os planos de Deus são imperscrutáveis e surpreendentes, porque ambos deixaram uma marca indelével na sociedade e na cultura do seu tempo, uma herança magnífica, apreciada hoje como nunca: eles são revisitados e contemplados como pessoas inspiradas pelo Espírito, autênticos profetas que trabalharam incansavelmente por uma sociedade mais justa e por um mundo em paz.

A paz é um grande dom do Espírito: mas como fazer a fim de que ela sensibilize o coração de todos, especialmente daqueles que têm nas mãos o destino do mundo? Eis a pergunta constante. E a Providência ofereceu-nos dois exemplos para imitar.



Dorothy Day e Thomas Merton

## Duas pessoas dois sonhos

Quando Dorothy Day e Thomas Merton se confrontavam nos anos 60, partilhando ideias e reflexões sobre o tema da paz e da não-violência, estava-se à beira de uma crise nuclear que teria desintegrado o nosso planeta. Em fevereiro de 1960, Dorothy Day escrevia no “Catholic Worker”: “Ninguém está seguro. Já não estamos protegidos pelos oceanos que nos separam do resto do mundo em guerra. Ontem, os russos lançaram um foguete a 7.760 milhas de distância no Pacífico Central, que caiu a menos de uma milha e meia do alvo calculado. O departamento de defesa dos Estados Unidos confirmou a precisão do tiro.

Em 1962, a crise dos mísseis russos em Cuba perturbou e indignou Thomas Merton e Dorothy Day, que precisamente em setembro tinha visitado Cuba, definindo-a “um campo armado”. De outubro de 1961 a outubro de 1962, Merton escreve as

*Cold War Letters*, três missivas dirigidas a amigos, artistas e ativistas – algumas também a Dorothy Day – nas quais fala de guerra e paz, para procurar fomentar uma reação espiritual e impedir a “bomba”. É neste momento que ele cria uma forte ligação com Dorothy Day e com o “Catholic Worker” para quebrar o silêncio da Igreja católica americana sobre o iminente holocausto nuclear. Em junho de 1960, Dorothy Day, que lhe pedia para rezar pela sua perseverança, ele respondeu: “Tu és espiritualmente a mulher mais rica da América e não podes falhar nem sequer se o tentares”; depois, desiludido, acrescenta: “Porquê este profundo silêncio e apatia por parte dos católicos, do clero, dos leigos, da hierarquia, a respeito deste terrível problema do qual depende a existência da raça humana?”.

Quanto mudou desde então? Já não existe a guerra fria (pelo menos aparentemente), mas os equilíbrios internacionais são absolutamente delicados, a ponto que qualquer comendário, qualquer gesto inapropriado poderia desencadear uma catástrofe. Não se trata de visões apocalípticas, mas sim da realidade crua dos acontecimentos, pelos quais talvez poucos estejam interessados, praticando aquilo que o Papa Francisco tristemente chama de “cristianismo de fachada”.

Infelizmente, isto não é algo de hoje. Num seu artigo de 1960 sobre Pasternak – por causa do qual Dorothy Day disse que não conseguiu dormir toda a noite – Merton observava: “Durante vinte séculos chamamos-nos cristãos, sem nem sequer começar a compreender um décimo do Evangelho. Confundimos César com Deus e Deus com César. Agora que “a caridade esfria” e estamos diante da aurora fumegante de uma era apocalíptica, Pasternak recorda-nos que só existe uma fonte de verdade, mas que não é suficiente saber que a nascente está ali – temos que ir e beber dela, como ele fez”.

A consciência de ter que viver a “radicalidade” evangélica e mostrar

ao mundo a amoralidade de certas escolhas torna-se um dos pontos-chave da vida diária de Thomas e Dorothy. Em particular, Merton procurava incessantemente criar um círculo de interesses que deveria realizar uma espécie de “contrapeso moral” em relação às forças do medo e da destruição. Dorothy comunicou-lhe: “Os teus escritos chegaram a muitíssimas pessoas, guiando-as pelo seu caminho, disto podes estar certo! É a obra que Deus quer de ti, não importa quanto queiras escapar dela”. Constantemente próximos na oração (“Temos um quadro com os nomes daqueles que pedem orações. O teu está ali”, escreve Dorothy), estão unidos por outro grande ideal, o “dever” de amar o próximo. Dorothy sente-se “fascinada” pelas cartas de Merton, porque são tão ricas que levam ao conhecimento e ao amor a Deus. Mas não se pode amar a Deus sem antes amar o próximo, e ambos sabem disso. Em dezembro de 1961, Merton escreveu Dorothy: “As pessoas não são conhecidas apenas pelo intelecto nem pelos princípios, mas unicamente pelo amor. É quando amamos o outro, o inimigo, que Deus nos dá a chave para entender quem ele é. Só esta consciência nos abre à verdadeira natureza do nosso dever e do modo certo de agir.”

Quem conhece Dorothy Day e Thomas Merton sabe que o seu desejo de um mundo mais justo e cheio de amor era confundido com puro comunismo. Uma carta de Dorothy, escrita em dezembro de 1963 a um jovem admirador, revela este detalhe. Com uma pitada de sarcasmo ela escreve: “Milagre dos milagres, o nosso único jornal diocesano, muito conservador, mas hoje com um novo editor, num artigo de duas colunas publicado na semana passada disse que Thomas Merton e eu encontramos o caminho certo para combater o comunismo, e além disso, de acordo com os princípios cristãos, e que era de duvidar que houvesse outro caminho para o cristão. Eu não podia acreditar nos meus olhos. Deus é bom e exalta os defensores”.

Durante uma viagem aos Estados Unidos, em 2015, o Papa Francisco recordou quatro grandes figuras que fizeram a América: “Quatro indivíduos e quatro sonhos: (...) Dorothy Day, justiça social e direitos das pessoas; e Thomas Merton, capacidade de diálogo e abertura a Deus”. Num mundo, hoje cheio de ódio e de violência gratuita, sem qualquer respeito pela vida e pelos direitos das pessoas, não podemos deixar de valorizar o que Merton e Day fizeram e disseram. E concluo com uma frase de Merton, que nos deve ajudar a refletir sobre quem somos e sobre a possibilidade que temos de praticar o bem: “Vim ao mundo. Livre por natureza, imagem de Deus; contudo, eu era prisioneiro da minha própria violência e do meu egoísmo, à imagem do mundo em que tinha nascido. Aquele mundo era o retrato do inferno, repleto de homens como eu, que amam a Deus, e que no entanto o odeiam; nascidos para o amar, mas que vivem com medo de desejos desesperados e contraditórios”.





FÉ E HUMORISMO

# Sair do subsolo

GABRIELE FIGA

**S**e há uma coisa que Dostoiévski representa clara e inequivocamente, é a ambiguidade substancial do homem, atormentado por múltiplas dúvidas e angústias. Observado a partir de uma perspectiva sincrónica, ou seja, ao nível da coexistência e interação, o homem é dividido numa miríade de fragmentos, de sócias risonhos, de Schillers soluçantes... Da mesma forma que não é possível determinar monologicamente o carácter último das suas personagens polifónicas, é difícil para nós compreender tanto o som definitivo do riso como a cor que devemos dar às lágrimas... E, no entanto, há um elemento para finalmente desfazer a meada, e isso é explicitado pelas figuras exemplares de um bem que se expressa não tanto por palavras como por sorrisos.

Os símbolos do bem estão presentes em cada pessoa. No entanto, para Dostoiévski, a verdadeira fé é consciente, ativa, é o princípio da liberdade. A dona de



Fyodor Dostoiévski

casa que pesa uma tonelada e que vai todos os dias à igreja para acender velas para glorificar o reino dos céus só porque lhe ensinaram isso, com a sua indiferença inconsciente não exerce essa liberdade de escolha autêntica entre o bem e o mal pelo qual Cristo morreu na cruz. Ela é uma expressão do mal a tal ponto que o bobo diabólico de Ivan Karamazov ficaria muito feliz em encarnar-se nela. É necessário questionar-se, interrogar-se sobre o espírito de outros mundos, sobre a existência de Deus, sobre a obra de Cristo, sobre o bem, o mal, a liberdade: perder a consciência para exercer a liberdade de escolha que Cristo nos deu, rejeitando as tentações de Satanás no deserto: o homem não deve contentar-se com o pão verdadeiro, para alcançar o mais alto princípio do bem deve alimentar-se do pão do espírito.

Como o cego, que foi sujo com lama para que pudesse ver, quando um homem se questiona sobre um princípio superior, ele passa necessariamente a sujidade do maligno que está insita a cada um deles. Neste ponto, será fácil compreender toda a duplicidade dos infinitos outros que afluam ao limiar do mundo, a profunda ambiguidade inerente a cada movimento aparentemente desinteressado da alma, a hipocrisia de todas as convenções sociais e dogmas religiosos. Como podemos não rir de tudo isto? Deste riso que tem o sabor rançoso do subsolo, chega-se ao

ateísmo mais perfeito, à dissolução da personalidade (Ivan Karamazov), à destruição (Rogožin), ao suicídio (Stavrogin, Smerdjakov, Svidrigajlov).

Ou, alternativamente, pode-se aceitar o bem consciente, através do exercício do livre arbítrio. Escolhendo acreditar na beleza do mundo, no perdão universal, na necessidade de aceitar a cruz, da mesma forma que Raskol'nikov e Dmitrij Karamazov; o discurso perde então a sua ambiguidade: as diferenças voltam à unidade, a escolha certa indica um caminho evidente, e apenas um. Lágrimas de alegria correm sobre as faces daqueles que finalmente aceitam colocar-se acima do mal que o homem faz, e viver segundo uma fé que, filha de uma vasta consciência, é tão firme que nasce de uma busca substancial de dúvidas e incertezas.

Assim, o homem, além do dom das lágrimas, recebe ao mesmo tempo a capacidade de rir sem parecer repugnante e vulgar. Um riso inocente, silencioso, alegre, expressão de uma alegria interior iluminada por um princípio de amor superior pela terra, pelos animais, por outros homens pecadores, que recorda a suave doçura das crianças. Assim como as crianças, também os olhos dessas pessoas agora simples e gentis, como o Versilov transfigurado por um princípio de amor superior, são claros, sem barreiras, sem aquelas áreas de sombra onde a ação roedora do subsolo se enfurece. As lágrimas de êxtase, misturadas com as risadas, abrem o rosto em magníficos sorrisos. Vamos rever as caras calmas e atraentes de Starec Zosima e do peregrino Makar. Vamos apanhar um elemento de síntese, um riso através de lágrimas. O sorriso é o ponto de chegada, a visão do "Sol que nos ilumina a todos", o símbolo da unidade primordial entre o homem e Deus, o emblema de um caminho do duplo ao da unidade, que se realiza nos muitos umbrais da consciência, com um final maravilhosamente belo.



Anna Leotta, quadro inspirado no Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry (2014)

## Acerca do sorriso

ANDREA MONDA

**E**m nenhuma página dos quatro Evangelhos se diz que Jesus riu ou pelo menos sorriu. Isso não significa que ele nunca o tenha feito. Podemos imaginar, sem medo de errar, momentos diferentes em que o rosto de Jesus se abre a um sorriso, por exemplo, quando encontra o jovem rico e «fitando-o, amou-o» ou quando fala com Zaqueu que tinha subido numa figueira. Um grande humorista católico, o inglês Chesterton levou a sério este silêncio dos evangelistas sobre o tema do sorriso de Jesus e no final do ensaio *Ortodoxia* dá uma explicação: a alegria, que ele chama «o segredo gigantesco do cristão» é precisamente um segredo, algo a ser guardado e mostrado com reserva e cautela porque é precisamente gigantesco, poderoso, «algo muito grande para que Deus no-lo mostrasse quando andou na terra». Chesterton compreende uma verdade: não há força mais devastadora, não há energia mais poderosa do



que aquela que brota da alegria. Há um filme que parte desse pressuposto e é *Monsters & Co* feito em 2001 por esses pequenos génios da Pixar; o enredo é simples: as crianças à noite são despertadas e aterrorizadas por monstros terríveis, os gritos de medo das crianças produzem uma energia muito poderosa que é capturada em cápsulas na forma de um cilindro que é imediatamente enviado para o planeta dos monstros porque eles vão servir para manter as indústrias elétricas e todo o aparelho energético desse mundo que continua graças ao medo das crianças na Terra. Fortuitamente, um casal de monstros ficará preso no planeta Terra e descobrirá que há outra fonte de energia infinitamente mais poderosa que o medo: a alegria, o riso das crianças. A partir daquele momento, os monstros descerão à Terra não para assustar, mas para fazer rir os seres humanos pequenos, mas muito poderosos. A moral do conto de fadas pode ser lida nas palavras do teólogo Timothy Radcliffe: «O mistério do mal é grande, mas o mistério do bem é ainda maior».

Também por esta razão, há algumas semanas "L'Osservatore Romano" (edição quotidiana) decidiu dedicar páginas especiais do jornal ao tema da relação entre fé e humorismo e, em particular, focalizar o tema do sorriso nos artigos (Saint-Exupéry, Dostoiévski, o sorriso do padre Pino Puglisi que regenera a vida) e no editorial de Fabio Colagrande. O bom humor é uma virtude cristã, o sinal de que a missão de Jesus ("Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa", *João 15, 11*) está a cumprir-se e a Igreja, na história da humanidade, com os seus santos, que são "bem-aventurados", está a colaborar para a sua realização.

ENTREVISTA EXCLUSIVA A PATTI SMITH



MASSIMO GRANIERI

Por ocasião do mais importante festival de música da Europa, o Medimex em Târento, encontro-me com Patti Smith. Espera-me numa sala da Universidade da Puglia, tranquila e acolhedora, depois de ter falado de música e poesia com milhares de participantes no grande salão da universidade. Lá fora, uma multidão incrível de pessoas que esperam educadamente para a cumprimentar, para um autógrafo ou uma selfie. Na véspera do seu concerto numa cidade que procura libertar-se da poluição industrial que causa vítimas entre a população, falamos sobre vários temas como a proteção ambiental, a fé cristã, a Eucaristia, a morte e os jovens. No final dos anos 70, o punk cantou o caos e louvou o nihilismo, enquanto Patti Smith acreditava no poder da música. Ela mencionou São Paulo Apóstolo nas suas gravações porque a palavra é mais criativa do que destrutiva, não é por acaso que ele vai usar a Sagrada Escritura para escrever algumas das mais famosas canções de rock, como *People Have The Power* and *Dancing Barefoot*, nas quais as referências ao livro do profeta Isaias e as narrações da Ressurreição são muito evidentes. No seu disco *Wave* apareceu uma foto do Papa Luciani com uma ode a ele tributada. Compôs uma canção dedicada ao Papa Francisco, *These Are The Words* e incluída no documentário de Wim Wenders *A Man Of His Word*. Ela escreveu poemas citando Jesus várias vezes. A sua voz tem os tons brilhantes de um profeta que impulsiona uma revolução que é amor. Ela move uma pe-

quena cruz nas suas mãos, abençoada pelo Papa Francisco, e orgulhosamente a mostra e diz que a leva sempre consigo. Agradeço-lhe e digo-lhe que a sua música me salvou na minha juventude. Com rara modestia, ela respondeu que eu me teria salvo igualmente sozinho e que ela me ajudou um pouco para que isso acontecesse.

*Vamos começar com a primeira canção do seu primeiro álbum, "Horses". Era 1975, em "Glória" você cantou "Jesus morreu pelos pecados de outra pessoa, não pelos meus". No ano passado, durante um concerto em Roma, no final da apresentação da canção, você ergueu os olhos para o céu agradecendo a Jesus. Durante anos você cantou que os seus pecados eram apenas seus e que não se sentia responsável pela morte de Jesus. O que aconteceu naquela noite no palco?*

Em *Glória* eu canto «Jesus morreu pelos pecados de alguém, mas não pelos meus». Muitas pessoas pensam que a Sagrada Escritura para escrever algumas das mais famosas canções de rock, como *People Have The Power* and *Dancing Barefoot*, nas quais as referências ao livro do profeta Isaias e as narrações da Ressurreição são muito evidentes. No seu disco *Wave* apareceu uma foto do Papa Luciani com uma ode a ele tributada. Compôs uma canção dedicada ao Papa Francisco, *These Are The Words* e incluída no documentário de Wim Wenders *A Man Of His Word*. Ela escreveu poemas citando Jesus várias vezes. A sua voz tem os tons brilhantes de um profeta que impulsiona uma revolução que é amor. Ela move uma pe-

crevi e cantei isto muitas vezes nas minhas obras. Uma revolução que começou em mim dois mil anos depois, por isso me dediquei a Ele nas minhas produções. Nesse palco em Roma, senti-me como se tivesse envelhecido, porque escrevi essas palavras pela primeira vez há cerca de 32 anos, quando tinha apenas vinte anos. Sei que esse verso pode influenciar as pessoas que o ouvem. Não quero recordar apenas aquele sentido de independência juvenil, quero também dizer: «Obrigada, obrigada, obrigada Jesus, porque o teu sacrifício salva as pessoas que precisam de ti e te procuram». Tenho uma irmã muito religiosa e entristeço-a quando canto esta canção. Prometi-lhe que não a voltaria a cantar em nenhum outro lugar para não causar desagrado aos ouvintes e procurar novos caminhos para ampliar a reflexão sobre Cristo e fazer a minha irmã feliz. Nunca cantei *Gloria* numa igreja consagrada. Quando eu era jovem, era irreverente e ao mesmo tempo tinha um sentido de responsabilidade para com o meu público e pensava nas necessidades das pessoas que me ouviam, nas coisas em que acreditavam e nas suas esperanças. Eu não acredito num único sistema religioso, eu não acredito num único sistema, eu acredito no sistema do amor. É claro que tudo isso nos é dado por Jesus.

*No livro «Devoção» você escreve sobre uma visita à abadia beneditina de Saint-Germain-des-Prés, em Paris, enquanto decorria a celebração da Santa Missa. No seu diário escreve que sente um desejo familiar de receber o corpo de Cristo durante esse rito. Qual é a sua relação com a Eucaristia?*



O Pontífice saída a cantora Patti Smith durante a audiência geral de quarta-feira (10 de abril de 2013).

# Ofereço as minhas lágrimas ao Papa Francisco

Considero que é um pensamento bonito, de facto uma das minhas passagens bíblicas favoritas é quando Jesus diz: «Tomai e comei todos: este é o meu Corpo, este é o meu Sangue, oferecido como sacrifício por vós». É a parte que mais amo na Bíblia. Se me perguntar o que costumo fazer na igreja, acendo uma vela e rezo. Muitas vezes eu entro na igreja e vejo muitas pessoas que recebem a Eucaristia e uma parte de mim quer fazer isso, mas eu respeito as regras da Igreja. Para mim a comunhão eucarística é o símbolo de Cristo que se dá a nós, o corpo de Cristo está na hóstia consagrada. Acho muito bonito o ritual da Santa Missa, pode-se entrar em contacto com Ele também espiritualmente, ainda que não se possa receber a comunhão.

*No meu trabalho na escola, encontro jovens desmotivados, sem um objectivo de luta nem de vida, desesperados pela falta de emprego e porque são obrigados a deixar a Califórnia, a região europeia mais pobre, para procurar melhor sorte noutro lugar. Como despertar do sono os muitos jovens que têm qualidades e talentos extraordinários? Como podemos convencê-los a moverem-se e perseguirem os seus sonhos?*

Eu própria venho de uma zona pobre e estava desempregada, sem trabalho. Para viver, colhia mirtilos e trabalhava numa fábrica. Eu vivia numa área rural e quando me mudei para Nova York eu pensava sempre e só em trabalhar e ser artista. Eu nunca julguei ou exibi o meu valor pessoal pelo dinheiro que ganhei ou pelo quão famosa ou popular eu era. Nenhuma destas coisas me representam, mesmo que sejam lindas. Nada pode ser comparado com um bom

trabalho, com escrever um poema. Não tinha muito para comer, não tinha um vestido bonito, mas escrevi poemas bonitos. Ajudei alguém, plantei uma árvore. O nosso mundo material é muito difícil para os jovens que vivem o período mais consumista do século XXI. Os jovens podem, de alguma forma, focar e encontrar uma maneira de melhorar o que têm dentro deles, não como consumidores ou pessoas de sucesso. Deveria ser algo que os faça mover-se e não algo para conquistar a todo o custo. O seu valor não depende dos objetivos a atingir. Greta Thunberg é uma jovem que deixou uma marca. Ela abandonou a escola para consciencializar os adultos sobre o ambiente e os adultos devem fazer algo para não a deixar sozinha. Ela está a fazer tudo sozinha e sem dinheiro, sem nada, sem esperança alguma de sucesso no empreendimento. Ela tem uma deficiência e consegue motivar centenas, milhares e milhões de jovens. Falando da questão ambiental com pleno conhecimento de causa, sabemos que é o principal problema para todos, é a causa das causas universais. Foi a causa de São Francisco de Assis, é a causa do Papa Francisco, a causa do Dalai Lama. Todas as pessoas boas querem salvar a terra e as suas espécies. Todos os jovens que sentem que não têm futuro podem participar nesta boa batalha. Podem ter um impacto na sociedade onde quer que estejam, tal como a nossa geração, quando se trata de sensibilizar a opinião pública para a Guerra do Vietname. Acolhíamos os pobres e tudo dava profundidade cultural às nossas ideias. Penso que os jovens são a prioridade no mundo da qual nós, adultos, precisamos. Precisamos de pessoas que tenham vocação para trabalhar e penso que os jovens podem realmente mudar o mundo. Diga-lhes: eles podem fazer parte desta revolução? Amor... o que é esta revolução? Amor. É amor ao próximo, amor aos animais, amor às plantas e aos peixes, à água e aos pássaros, amor às flores. Amor!

*Em «Rock'n'Roll Niggers» você coloca-se fora da sociedade, declarando-se da parte dos excluídos, antecipando um tema caro ao Papa Francisco: viver nas periferias existentes e estar ao lado dos mais pobres. O que gostaria de dizer ao Papa?*

Quero dizer ao Papa Francisco: obrigada. Ofereço-lhe o meu amor e as minhas lágrimas. Agradeço-lhe porque ele cuida de cada um de nós, como uma pessoa de uma instituição religiosa deve fazer à imitação de Cristo. Ele é vigilante para que o manto da caridade de São Francisco possa ser dado aos necessitados, es-

pecialmente aos mendigos. A maneira mais nobre possível de ser uma imitação de Cristo. Só quero agradecer-lhe, estarei sempre com ele.

*O que a surpreendeu no Papa Luciani?*

O sorriso, eu apaixonei-me por ele pelo sorriso. Não sei muito sobre o Vaticano e os rituais da Igreja Católica. Eu estava na Europa quando, em Agosto de 1978, Albino Luciani se tornou Papa, eu estava a vê-lo na televisão. E também na TV o seu amor e a sua humanidade me fizeram chorar e me irritaram. Quando ele sorria, eu sentia amor por ele e a esperança de que ele fosse um bom homem. Achei que ele era puro de coração e que esta pureza podia ser sentida. Olhando para ele, senti-me salva e percebi que coisas maravilhosas estavam prestes para acontecer, que ele seria um Papa muito bom. Quando ele morreu prematuramente, o meu coração se partiu como se me membro da família tivesse morrido. Ele escreveu a Pinóquio no livro *Illustrissimi* que ia ter uma paixoneta, é isso... Eu também tinha uma paixoneta por ele. Foi um sentimento puro como a música, música real, porque a música real não tem fronteiras nem exclui ninguém. Mas a resposta mais curta à sua pergunta é o sorriso.

*A morte já visitou a sua família várias vezes. Nós, sacerdotes, com frequência escutamos a dor daqueles que não aceitam a morte, quando há falta de fé no Ressuscitado, as viúvas e os órfãos parecem inconsoláveis. Como conseguem passar por essas experiências permanecendo vivos? Há alguma forma de redefinir a morte?*

É a única coisa que sei da minha experiência pessoal é que se deve aceitar tudo da morte, especialmente a dor. A morte não é uma situação que melhora com o tempo. Ainda sinto a mesma dor de quando perdi o meu marido Fred, o meu irmão Todd, o meu cão aos onze anos. Eu ainda sinto a mesma dor, mas também sinto todo o amor deles que está sempre comigo. Quando abraçamos a dor, somos capazes de a ampliar com amor. E quando se procura ignorar a dor ou não a sentir, acabamos por sentir cada vez menos amor. Sinto o amor da minha mãe mais do que nunca, sinto o amor do meu pai, sinto muito a falta deles. Eu não sacrificaria essa dor, mas prefiro experimentá-la e assim sentir a alegria de ter os mortos comigo, que caminham ao meu lado. É como Cristo disse: «E Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo». Assim, como os nossos mortos, estamos todos uns com os outros, quando sabemos a quem abrir a porta.



Faleceu o grande músico brasileiro, pai da bossa nova

# João Gilberto e o violão gago

GIUSEPPE FIORENTINO

**H**á exatamente sessenta anos, em 1959, viu a luz do dia nas praias brancas da Baía da Guanabara, um género musical destinado a mudar para sempre a tradição brasileira e a propagar-se pelo mundo como uma maré ao luar. Porque esta é a bossa nova, nascida principalmente no génio de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto, falecido no sábado 6 de julho, com 88 anos: uma música longe do brilho ofuscante do samba das escolas cariocas, uma música "lunar" precisamente porque é capaz de abrir caminho, discreta mas inevitavelmente, como uma luz noturna. Nenhum clamor rítmico, nenhuma vocalidade extrema mas, pelo contrário, tons apenas esboçados nas cordas baixas do violão e um fio de voz para "sussurrar" o texto.

Há precisamente sessenta anos, em 1959, foi lançado o disco de João Gilberto que, segundo a crítica, marca o nascimento oficial da bossa nova. Trata-se de *Chega de saudade*, um "long-playing", como o leitor se dizia, que contém doze canções, algumas das quais escritas por Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

Pequenas obras-primas, como a música *Desafinado*, que se tornaram famosas pelo violão de João Gilberto (chamado "gago", em virtude do seu ritmo sincopado) e pelo seu canto

"baixinho", ou seja, com uma voz sussurrada.

A partir daquele momento, a música brasileira já não seria a mesma, aliás, a bossa nova teve a força para desencadear uma dinâmica de contaminação cultural que a levou a tornar-se o único género diretamente proveniente do sul do mundo (e, portanto, não importado por escravos nem minorias de imigrantes), capaz de "colonizar" a música norte-americana.

Com efeito, enquanto o *beat* começava a fazer prosélitos inclusive no Brasil, alguns músicos de jazz americanos compreenderam o enorme potencial inovador da bossa nova e não hesitaram em mergulhar na sua atmosfera. E o sucesso foi imenso! Em 1964, juntamente com o saxofonista Stan Getz, João Gilberto lançou um álbum que conseguiu derrotar até os Beatles na disputa dos Grammy Awards.

Mas o legado do músico recentemente falecido e dos seus parceiros musicais continuou a ser ativo ao longo das décadas. O tropicalismo, movimento cultural que nasceu na Bahia, Estado natal de Gilberto, deve muito à bossa nova, e músicos do calibre de Caetano Veloso não perdem a ocasião de prestar homenagem àquele grupo de jovens que, há sessenta anos, sussurravam ao mundo algumas canções que à luz da lua continuavam a ressoar. Como as ondas da Baía da Guanabara.



O que leva os turistas a preferir os bairros degradados de Bombaim ao Taj Mahal?

## Periferias de cinco estrelas

ELENA PELLONI

No setor do turismo existe uma prática que se vai alastrando nos últimos anos. Chamam-lhe “poorism” e é uma forma, não muito recente, de viajar.

Para aqueles que já não estão satisfeitos com as “férias habituais” e movem o seu interesse rumo a destinos mais exóticos, o que faz a diferença não são tanto as paisagens, quanto as pessoas que as tornam vivas. Segundo o famoso site de resenhas TripAdvisor, a favela de Bombaim (tornada famosa pelo filme *The Millionaire*), mencionando apenas uma, é o destino indiano preferido pelos viajantes em 2019. Ainda mais do que o Taj Mahal, uma das maravilhas do mundo.

O passeio na “Dharavi slum” — esse é o nome da favela — dura apenas algumas horas, o tempo suficiente para se dar conta do “sentido de união da comunidade” e “descobrir como vivem os habitantes locais”. É assim que recitam os numerosos anúncios turísticos que permitem que os visitantes participem nesta experiência nos bairros degradados de uma das metrópoles com maior densidade demográfica do mundo, onde a acentuada desigualdade com o centro cosmopolita é visível num relance.

Como é possível? Perguntar-se-ia imediatamente. Quando essas favelas surgem nos nossos bairros, a primeira coisa que queremos é fazer com que desapareçam. Atravessá-las para entender como vivem as pessoas que ali moram e entrar em contacto com as suas culturas são ações, pensa-se, que cabem principalmente a entidades sociais ou associações de voluntariado. Como sabemos, no imaginário coletivo, elas nem sempre são geridas por trabalhadores laboriosos. Como nos mostraram as crônicas recentes, os seus habitantes muitas vezes não parecem merecer um lugar no seio da comunidade civil: quer se trate de um alojamento popular, quer de um emprego.

No entanto, os passeios turísticos que permitem caminhar pelas ruas estreitas e pútridas das favelas indianas ou quenianas, ou que oferecem uma volta pelas favelas do Rio de Janeiro atraem cada vez mais visitantes que, de acordo com as resenhas por eles escritas a posteriori, ficam fascinados e positivamente impressionados com elas. Lugares cujo acesso seria normalmente negado a pessoas de fora tornam-se praticáveis com total segurança, graças aos guias locais que encontraram uma forma de rentabilizar a atração do proibido.

As vidas dos “ocidentais” estão muitas vezes presas dentro de uma rede labiríntica de carreiras gananciosas e de relacionamentos forçados no silêncio. Sentir-se parte de existências que o nosso destino não tocou e que todos os dias são obrigadas a lutar no sinal de verdades e motivações muito diferente das nossas, pode ser um bom antídoto para despertar o lado mais verdadeiro do ser humano. E a diferença não é tanto o profundo significado da sobrevivência, quanto o facto de que a sua batalha diária tem em si algo de normal, quase genuíno. Exemplos de vida tão radicalmente antitéticos que se tornam, aos olhos de um Ocidente cada vez mais transbordante, uma atração, uma meta turis-

to?” (*Lc 12, 57*), Bianchi reflete sobre a necessidade cada vez mais urgente de voltar às origens da formação individual. “Discernimento deriva do latim *discernere*, composto por *cernere* (ver claramente, distinguir) precedido por *dis* (entre): portanto, discernir significa “ver claramente entre”, observar cuidadosamente, escolher separando”, explica o monge de Bose no seu livro *L'Arte di scegliere* (“A Arte de Escolher”). “O discernimento é o processo que cada ser humano deve realizar na árdua profissão de viver, nas diversas situações com as quais é confrontado, para fazer uma escolha, tomar uma decisão, expressar aqui e agora um juízo com consciência”.

“O homem que vive na opulência não permanecerá: é semelhante aos animais que são abatidos”, recita o Salmo 48.

Opulência que o economista e professor Luigino Bruni enquadró bem na edição de junho da revista mensal “Jesus”, descrevendo-a como o conjunto dos “nossos talentos (o talento, diz-nos a parábola, é recebido: não é mérito nosso)” e dos chamados “eventos providenciais”, ou seja, o país onde nascemos, o calor de uma família, a possibilidade de estudar, os encontros propícios que dão sabor à vida. “Se eliminarmos esta natureza mais profunda e verdadeira da riqueza e do destino universal de todos os bens, perderemos inclusive os nossos sentimentos de gratidão civil pelas nossas riquezas. E deixamos de sofrer com a pobreza que vemos à nossa volta, quando pensamos que vencemos a pobreza simplesmente porque já não a conseguimos ver”.

Parafraseando a famosa máxima do poeta Horácio “*Caelum, non animum mutant, qui trans mare currunt*”, poder-se-ia pensar que para quantos nasceram sob o sinal do capitalismo mais puro, seria difícil fingir transformar a própria “alma”, simplesmente envidando o esforço de “correr além do mar”.

Com efeito, embora seja difícil modificar a própria sensibilidade relativa a um tema ou aquilo que uma situação específica causa em



“Dharavi slum”, a favela de Bombaim

cada um de nós, ainda é possível uma mudança de rumo. O que é visto com os próprios olhos ou percebido com os cinco sentidos durante uma experiência direta, quer nas férias quer no trabalho voluntário ou puramente por acaso, pode mudar irreversivelmente o conceito de tal circunstância.

Como se fosse um monumento ou um museu. É claro que Stendhal não poderia justificar prováveis desmaios, aqui devidos mais do que a um êxtase artístico, a um ecossistema feito de cheiros flatulentos, becos superlotados, fumaças e poeiras de todos os tipos. E por outro lado, seria difícil explicar este fascínio justificando-o como um acontecimento artístico de Allan Kaprow ou como assistir a uma criação expressionista de Jackson Pollock. Por mais pitorescas e artísticas que estas vidas sejam, elas têm pouco a ver com a arte. Então, como foi possível que, ao apresentar um bilhete à entrada da “Dharavi slum”, esses passeios da miséria tenham encontrado um lugar entre uma visita aos monumentos históricos e um safári na selva? É óbvio que nos deve ter escapado alguma coisa!

Enzo Bianchi, fundador da comunidade de Bose, provavelmente falaria de falta de discernimento no processo de humanização. Partindo do antigo lema “Homem, conhece-te a ti mesmo”, posto na entrada do templo de Apolo em Delfos, e da exortação mais evangélica “Por que não julgais por vós mesmos, o que é jus-

to?” (*Lc 12, 57*), Bianchi reflete sobre a necessidade cada vez mais urgente de voltar às origens da formação individual. “Discernimento deriva do latim *discernere*, composto por *cernere* (ver claramente, distinguir) precedido por *dis* (entre): portanto, discernir significa “ver claramente entre”, observar cuidadosamente, escolher separando”, explica o monge de Bose no seu livro *L'Arte di scegliere* (“A Arte de Escolher”). “O discernimento é o processo que cada ser humano deve realizar na árdua profissão de viver, nas diversas situações com as quais é confrontado, para fazer uma escolha, tomar uma decisão, expressar aqui e agora um juízo com consciência”.

Além disso, o que restaria da imensa figura de Madre Teresa de Calcutá, se ela tivesse começado a organizar visitas aos leprosários onde laboriosamente passava o dia e a noite? Um acontecimento que não se teria afastado muito dos numerosos pedidos que centenas de cidadãos ocidentais lhe dirigiam. Mas a cada pessoa, muitas vezes rica, que ia ter com ela, pedindo para poder ajudá-la no cuidado dos pobres e dos doentes, ela costumava perguntar, em contrapartida, por que tinham percorrido tantos quilómetros em busca de indigentes e enfermos.

cada um de nós, ainda é possível uma mudança de rumo. O que é visto com os próprios olhos ou percebido com os cinco sentidos durante uma experiência direta, quer nas férias quer no trabalho voluntário ou puramente por acaso, pode mudar irreversivelmente o conceito de tal circunstância.

Há uma frase que muitas vezes é dirigida aos viajantes que partem para países mais pobres ou onde reinam as desigualdades: “Nessa terra chora-se duas vezes: quando se parte e quando se volta”. Se para quantos entram em contacto com a pobreza extrema a despedida final é ainda mais intensa do que o impacto inicial, então poderíamos encontrar um significado mais profundo do que o simples “sinal” no caderno de “coisas para ver”.

Significa que talvez deva tocar a verdadeira profundidade da famosa frase de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry: “É o tempo que dedicaste à tua rosa que a tornou tão importante”. O tempo! Aquilo que na nossa sociedade, diz-se, vale tanto quanto o dinheiro. Mas o que aconteceria se, em vez de continuar a gastá-lo, começássemos a doá-lo?



Padre Awi Mello ao congresso de pastoral vocacional na Colômbia

## Chamados a ser amigos de Deus

Depois do Sínodo dos bispos, de outubro passado, já não se pode pensar numa pastoral juvenil «separada» da vocacional. É esta, por sua vez, «não pode ser separada das outras atividades pastorais: é preciso pensar nelas em conjunto», valorizando concretamente a «sinergia que deve existir entre as diversas atividades pastorais da Igreja». Assim, o padre Alexandre Awi Mello, secretário do Dicastério para os leigos, a família e a vida, delineou os cenários pós-sinodais numa chave essencialmente vocacional, focalizando uma visão pastoral global que evite os «compartimentos estanques» e responda às exigências dos jovens «que estão em busca da sua missão no mundo».

Numa mensagem vídeo dirigida aos participantes no congresso nacional de pastoral vocacional, realizado recentemente em Bogotá por iniciativa da Conferência episcopal da Colômbia, o sacerdote de Schoenstatt propôs uma reflexão sobre a exortação apostólica *Christus vivit* a partir do conceito de «pastoral juvenil vocacional», que constitui o pano de fundo da reflexão sinodal. O que significa isto na prática? Para o padre Awi Mello significa essencialmente que não deve haver «uma separação, mas uma integração» entre os grupos e os movimentos comprometidos com as novas gerações e a pastoral ordinária da Igreja: «todas as forças que trabalham pela evangelização dos jovens – reiterou – devem estar unidas» e «todas devem pensar sempre no seu trabalho numa perspectiva vocacional». Em suma, trata-se de ajudar os rapazes e as moças a tomar consciência de que «Deus os ama, os conhece pessoalmente e pensou numa missão para cada um deles neste mundo». Esta é «a vocação, a chamada de Deus», que em primeiro lugar é «uma chamada à vida, ao amor, à realização pessoal».

A este propósito, o secretário do Dicastério exortou a ler e a aprofundar especialmente o oitavo capítulo da exortação apostólica, dedicado especificamente à vocação. Ali o Papa colocou a temática vocacional «numa dimensão mais ampla», recordando que «a primeira chamada é à amizade com Deus, a uma vida de aliança com Ele». Eis o horizonte existencial e espiritual a ser indicado como prioridade para os jovens: «Deus ama-me, Deus salva-me, Jesus está vivo e quer entrar em contato pessoal de amizade comigo». É «uma chamada pessoal, uma chamada à vida, ao amor, uma chamada à santidade». E este, reiterou o sacerdote, «deve ser o cerne da pastoral juvenil: por aqui devemos começar».

Uma segunda dimensão da chamada é o «serviço aos outros». Na *Christus vivit*, observou o padre Awi Mello, o Pontífice repe-

tiu uma expressão já usada na *Evangelii gaudium*: «eu sou uma missão nesta terra». É significativo que Francisco use o verbo «ser» e não o verbo «ter». Cada um «é uma missão – explicou o secretário – porque Deus pensou nele para servir o mundo: cada um é uma missão para os outros». Isto, é claro, «passa pela minha profissão, pela minha vocação, pelo meu estado de vida». E é «absolutamente central que cada jovem perceba que tem uma vocação de serviço»: uma vocação que «pode envolver todas as suas forças», que se baseia nas «qualidades» e «caraterísticas» impressas em cada um por Deus, que atravessa a «história pessoal». E, nesta perspectiva, até uma cruz pode tornar-se uma missão específica.

De facto, explicou o sacerdote, «a chamada missionária é pelos outros. Nenhum jovem foi pensado por Deus para si mesmo. Se a vocação fosse apenas autorrealização, seria um conceito muito pobre». Em vez disso, «é uma chamada ao serviço, mesmo que, obviamente, a pessoa se realize pessoalmente». Esta observação, que une também não-cristãos e não-crentes, porque cada ser humano, observou o padre Awi Mello, compreende que só faz sentido estar neste mundo se a própria existência for útil para os outros. Não adianta – disse – empregar a vida simplesmente em busca de prazeres que no final não deixam satisfação: realizar-se ao serviço dos outros é a única maneira de trazer felicidade à vida de cada pessoa».

Recordando a segunda parte do capítulo, o secretário mencionou as vocações específicas que podem guiar a vida de um jovem: a partir daquela «ao amor e à família», passando pela do trabalho, até à consagração na vida religiosa, no sacerdócio ou noutras formas especiais de «celibato pelo Reino». O padre Awi Mello destacou, em particular, a dimensão da «fecundidade», à qual são chamados não só os pais, mas também as pessoas consagradas. «A vocação à fecundidade é para todos», insistiu, evidenciando a missão particular da família que, abrindo-se ao dom da vida, transforma os esposos em «co-criadores».

Por fim, o secretário do dicastério sublinhou a necessidade de «reservar espaços para o silêncio e a reflexão», dando origem a um autêntico caminho de discernimento. Uma pastoral vocacional juvenil que se respeite, disse ele, deve guiar os jovens a descobrir sua missão «com Deus, iluminados pelo Espírito Santo, seguindo os impulsos que Deus coloca nos seus corações, a voz da alma». Só assim, concluiu, «posso compreender qual é realmente a minha chamada: a um estado de vida ou a uma profissão, mas sobretudo à santidade».

### Congregação para as causas dos santos

## Promulgação de decretos

A 5 de julho, o Papa Francisco recebeu em audiência o Senhor Cardeal Angelo Becciu, prefeito da Congregação para as causas dos santos. Durante a audiência, o Sumo Pontífice aprovou os votos favoráveis dos Eminentíssimos e Excelentíssimos membros da Congregação e alargou à Igreja universal o culto litúrgico em honra do beato Bartolomeu dos Mártires (no século: Bartolomeu Fernandes), da ordem dos Padres pregadores, arcebispo de Braga; nascido em Lisboa (Portugal), a 3 de maio de 1514 e falecido em Viana do Castelo (Portugal), a 16 de julho de 1590, inscrevendo-o no álbum dos santos (canonização equipolente).

Na mesma audiência o Santo Padre autorizou a Congregação a promulgar os decretos relativos:

- ao milagre, atribuído à intercessão do venerável servo de Deus Fulton Sheen, arcebispo titular de Newport, ex-bispo de Rochester; nascido no dia 8 de maio de 1895 em El Paso no Illinois (EUA) e falecido a 9 de dezembro de 1979 em Nova Iorque (EUA);

- às virtudes heroicas do servo de Deus Elias Hoyek, patriarca de Antioquia dos Maronitas, fundador da congregação das Irmãs maronitas da Sagrada família; nascido em Helta (Líbano), a 4 de dezembro de 1843 e falecido em Bkerké (Líbano), no dia 24 de dezembro de 1931;

- às virtudes heroicas do servo de Deus Giovanni Vittorio Ferro, da ordem dos Clérigos regulares de Somasca, arcebispo de Régio Calábria – Bova; nascido em Costigliole d'Asti

(Itália), no dia 13 de novembro de 1901 e falecido em Régio Calábria (Itália), a 18 de abril de 1992;

- às virtudes heroicas do servo de Deus Angelo Riesco Carbajo, bispo titular de Limisa, auxiliar da administração apostólica de Tudela, fundador do instituto das Missionárias da caridade; nascido em Bercianos de Vidriales (Espanha), a 9 de julho de 1902 e falecido em La Bañeza (Espanha), no dia 2 de julho de 1972;

- às virtudes heroicas do servo de Deus Ladislao Kornilowicz, sacerdote diocesano; nascido em Varsóvia (Polónia), no dia 5 de agosto de 1884 e falecido em Laski (Polónia), a 26 de setembro de 1946;

- às virtudes heroicas do servo de Deus Angélico Lipani (no século: Vincenzo), sacerdote professo da ordem dos Frades menores capuchinhos, fundador da congregação das Irmãs franciscanas do Senhor; nascido em Caltanissetta (Itália), no dia 28 de dezembro de 1842 e ali falecido a 9 de julho de 1920;

- às virtudes heroicas da serva de Deus Francisca do Espírito Santo (no século: Francisca de Fuentes), fundadora da congregação das religiosas Dominicanas de Santa Catarina de Sena; nascida em Intramuros (Filipinas) em 1647 e falecida em Manila (Filipinas), a 24 de agosto de 1711; e

- às virtudes heroicas do servo de Deus Estêvão Pedro Morlanne, leigo, fundador da congregação das Irmãs da caridade materna; nascido em Metz (França), no dia 22 de maio de 1772 e ali falecido a 7 de janeiro de 1862.



*O novo logotipo da visita do Papa Francisco a Maurícia*

Programa da viagem do Papa de 4 a 10 de setembro

## Peregrino de paz em Moçambique Madagáscar e Ilha Maurícia



Cerca de quinze discursos pronunciados em sete dias, em visita a três países: Moçambique, Madagáscar e Ilha Maurícia. A 28 de junho, a Sala de imprensa da Santa Sé apresentou o programa da viagem do Papa Francisco, anunciada no mês de março passado, que se realizará de 4 a 10 de setembro.

O Pontífice partirá de Roma-Fiumicino no dia 4 rumo a Maputo, com chegada prevista às 18h30 (hora local) ao aeroporto da capital moçambicana, onde terá lugar a cerimónia de boas-vindas.

No dia 5 realizará a visita de cortesia ao chefe de Estado no palácio presidencial Ponta Vermelha, e sucessivamente encontrar-se-á com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático, pronunciando o primeiro discurso oficial da viagem. A manhã concluir-se-á com um encontro inter-religioso com os jovens no Pavilhão Maxaquene.

No dia 6, antes de se transferir para Madagáscar, Francisco visitará o hospital de Zimpeto, bairro periférico de Maputo, e celebrará a missa no estádio local.

O avião chegará ao aeroporto de Antananarivo às 16h30, onde será realizada a cerimónia de boas-vindas. No dia 7 haverá a visita de cortesia ao presidente malgaxe no Palácio "Iavoloha" e, sucessivamente, o

encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático no Ceremony Building e a celebração da hora média no mosteiro das carmelitas descalças. Na parte da tarde o Papa encontrar-se-á com os bispos de Madagáscar na catedral de

Andohalo, visitará o túmulo da beata Victoire Rasoamanarivo e presidirá a uma vigília de oração com os jovens no campo diocesano de Soamandrakizay, onde na manhã seguinte celebrará a missa dominical. Seguir-se-ão a visita à Cidade da

amizade de Akamasoa, a oração pelos trabalhadores no canteiro de Mahatzana e o encontro com sacerdotes, religiosas, consagrados e seminaristas no Collège de Saint Michel.

No dia 9 da capital de Madagáscar o Papa irá a Port Louis. A cerimónia de boas-vindas à Ilha Maurícia no aeroporto precederá a missa que Francisco celebrará no monumento de Maria Rainha da Paz. Depois de almoçar com os Prelados da Conferência episcopal do Oceano Índico (Cedoi), realizará duas visitas: uma particular ao santuário de Père Laval e a de cortesia ao chefe de Estado no palácio presidencial. No mesmo lugar, em seguida, encontrar-se-á com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático. À tarde despedir-se-á de Port Louis e regressará a Antananarivo. No dia 10, depois da cerimónia de despedida no aeroporto da capital de Madagáscar partirá de regresso a Roma-Ciampino, com chegada prevista no final da tarde. Juntamente com o programa da viagem a Sala de imprensa apresentou também o novo logotipo para a visita à Ilha Maurícia que tem como lema "Peregrino de paz". Representa uma pomba estilizada que traz no bico um ramo de oliveira, cujas folhas têm as cores da bandeira nacional: vermelho, azul, amarelo e verde.



*Catedral da Beira (Moçambique), dedicada a Nossa Senhora do Rosário*

## O episcopado e os desafios atuais em Angola e São Tomé

A delinquência juvenil, o aumento do desemprego, mas também a despenalização do aborto e a proliferação de seitas: estes são alguns dos principais problemas que a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé enfrentou nos últimos tempos. Os bispos lamentam o crescimento desenfreado do desemprego e da criminalidade entre os jovens, que «se sentem desesperados e sem soluções imediatas» na região. A luta pela moralização da sociedade – dizem – deve, portanto, ser seguida de «medidas claras e urgentes para promover o emprego e combater a pobreza».

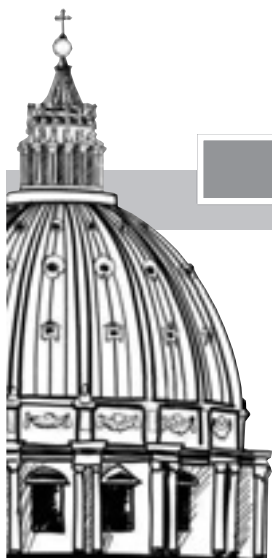
Com o colapso do preço do petróleo, Angola, o segundo maior produtor de petróleo em África, entrou numa grave crise económica e o governo, depois de ter solicitado a ajuda das instituições financeiras mundiais para enfrentar a recessão, decidiu financiar-se através de um aumento dos impostos. Os bispos comentaram esta decisão considerando que «é contraproducente atingir» a população «sem propor medidas de sobrevivência». Os impostos, definidos como

«agressivos», segundo eles «sufocam e matam» as pequenas e médias empresas e agravam a pobreza das classes sociais mais desfavorecidas: «Apesar dos investimentos feitos pelo executivo no setor educacional – frisam os bispos – ainda há um grande número de crianças fora do sistema educacional, devido à falta crónica de professores em áreas remotas do país».

O episcopado católico, no comunicado final da última assembleia plenária, denunciou também a despenalização do aborto, prevista em alguns casos pelo novo código penal aprovado pelos deputados em 23 de janeiro. Um texto que, embora considerando a interrupção voluntária da gravidez como um crime, admite algumas exceções em que o aborto pode ser legitimado. Trata-se sobretudo dos casos em que a gravidez põe em perigo a vida de uma mulher ou quando é o resultado de violação ou incesto. O facto é que a medida constitui «um ataque ao quinto mandamento: a vida humana é um dom de Deus que deve ser acolhido, amado

e defendido contra todas as ameaças», insistem os bispos na nota.

Em matéria de saúde, a Conferência episcopal observa que «é evidente o aumento generalizado dos casos de Sida». Portanto, solicita a todos que se empenhem em campanhas de sensibilização e responsabilidade para reduzir o risco de novas infeções. Por fim, afirma que, apesar dos esforços do governo, a proliferação de seitas religiosas continua, propagando «doutrinas contrárias à nossa cultura e à fé cristã, que estão destruindo famílias e minando o nosso tecido social». Recordando enfim que «a liberdade de expressão e de manifestação são dois pilares da democracia», os bispos concluem pedindo «a proteção desses direitos constitucionalmente tutelados em todo o país». As redes sociais, em termos de liberdade de expressão, podem «encorajar o encontro», disse o nuncio apostólico em Angola e São Tomé e Príncipe, D. Petar Rajić, segundo o qual «a rede não é feita para prender, mas para libertar e proteger uma comunhão de pessoas, para construir pontes».



## INFORMAÇÕES

### Audiências

*O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:*

No dia 4 de julho

Os Senhores Cardeais Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; Robert Sarah, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; Rainer Maria Woelki, Arcebispo de Köln (Alemanha); e Jean-Pierre Ricard, Arcebispo de Bordeaux (França); e o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Luigi Mistò, Coordenador “ad interim” da Secretaria para a Economia.

Sua Ex.<sup>cia</sup> o Senhor Vladimir Putin, Presidente da Federação Russa, com o Séquito.

No dia 5 de julho

O Senhor Cardeal Angelo Becciu, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

### Ereções

*Sua Santidade erigiu:*

A 10 de julho

A Diocese de Cristalândia (Brasil), elevando-a do nível de Prelazia territorial. Simultaneamente, mudou os confins entre a nova Diocese de Cristalândia e a Diocese de Miracema do Tocantins.

A 11 de julho

O Exarcado Apostólico para os fiéis católicos ucranianos de rito bizantino residentes na Itália.

### Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

No dia 4 de julho

De D. Rino Passigato, ao cargo de Nuncio Apostólico em Portugal.

De D. Renzo Fratini, ao cargo de Nuncio Apostólico na Espanha e no Principado de Andorra.

De D. Konrad Zdarsa, ao cargo de Bispo de Augsburg (Alemanha).

No dia 6 de julho

De D. Gianfranco Agostino Gardin, O.F.M. Conv., ao governo pastoral da Diocese de Treviso (Itália).

De D. Petru Ghergel, ao governo pastoral da Diocese de Iași (Romênia).

No dia 10 de julho

De D. Bernardino Marchiò, ao governo pastoral da Diocese de Caruaru (Brasil).

De D. Paul Lortie, ao governo pastoral da Diocese de Mont-Laurier (Canadá).

No dia 11 de julho

De D. Thomas Matthew Burns, ao governo pastoral da Diocese de Mevenia (País de Gales).

### Nomeações

*O Sumo Pontífice nomeou:*

A 4 de julho

Auxiliar da Arquidiocese de Arequipa (Peru), D. Raúl Antonio Chau Quispe, até à presente data Auxiliar da Arquidiocese de Lima.

A 6 de julho

Bispo de Treviso (Itália), o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Michele Tomasi, do clero da Diocese de Bolzano-Bressanone, até esta data Reitor do Seminário Diocesano e Vigário Episcopal para o Clero.

*D. Michele Tomasi nasceu em Bolzano (Itália), no dia 9 de julho de 1965. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 28 de junho de 1998.*

Bispo de Iași (Romênia), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Iosif Păuleț, do clero da mesma Diocese, até hoje Decano de Bucovina e Pároco de Suceava.

*D. Iosif Păuleț nasceu em Tămășeni (Romênia), a 17 de outubro de 1954. Foi ordenado Sacerdote no dia 29 de junho de 1979.*

## Comunicado da Sala de imprensa

Nos dias passados, monsenhor Massimo Palombella, S.D.B., concluiu o seu serviço como Maestro e Diretor da Capela Musical Pontifícia. O Santo Padre aceitou o pedido do Maestro para terminar a sua função. A decisão foi tomada depois de ter obtido o parecer unânime da congregação dos Salesianos de Dom Bosco e do Departamento das celebrações litúrgicas do Sumo Pontífice. Agora monsenhor Palombella está à disposição da Congregação salesiana para o novo ministério que lhe será confiado.

Respondendo às perguntas de alguns jornalistas, o diretor interino da Sala de Imprensa da Santa Sé, Alessandro Gisotti, afirmou: «Com a conclusão do serviço de monsenhor Massimo Palombella, a guia *ad interim* da Capela Musical Pontifícia Sistina foi confiada pelo Mestre das celebrações litúrgicas pontificias, monsenhor Guido Marini, a monsenhor Marcos Pavan, atualmente Maestro dos *Pueri cantores* da mesma Capela Sistina.

A 8 de julho

Membros da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, os Senhores Cardeais: Angelo De Donatis, Vigário-Geral para a Diocese de Roma; Kevin Joseph Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, e Camerlengo da Santa Igreja Romana; Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; e Ricardo Blázquez Pérez, Arcebispo de Valladolid (Espanha); D. Amilton Manoel da Silva, Bispo Auxiliar de Curitiba (Brasil); D. Paolo Bizzeti, Vigário Apostólico de Anatólia (Turquia); D. Sebastian Francis Shaw, Arcebispo de Lahore (Paquistão); D. Paskalis Bruno Syukur, Bispo de Bogor (Indonésia); D. José de Jesús González Hernández, Prelado de Jesús María (México); os Rev.<sup>mos</sup> Superiores-Gerais: Arturo Sosa Abascal, S.I., Preósito-Geral da Companhia de Jesus; Guillermo Leon Arboleda Tamayo, O.S.B., Abade Presidente da Congregação Sublacense Cassinense da Ordem de São Bento; Saverio Cannistrà do Sagrado Coração, O.C.D., Preósito-Geral dos Carmelitas Descalços; Robert Irvin Schieler, F.S.C., Superior-Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs; Alejandro Moral Antón, O.S.A., Prior-Geral da Ordem de Santo Agostinho; Roberto Genuin, O.F.M. Cap., Ministro-Geral da Ordem Franciscana dos Frades Menores Capuchinhos; Leonir Mario Chiarello, C.S., Superior-Geral dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos); as Rev.<sup>mas</sup> Superiores-Gerais: Kathleen Appler, F.D.C., Superiora-Geral das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo; Yvonne Reungoat, F.M.A., Superiora-Geral das Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas de Dom Bosco); Françoise Massy, F.M.M., Superiora-Geral das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria; Luigia Coccia, S.M.C., Superiora-Geral das Irmãs Missionárias, Pias Madres da Nigricia (Combonianas); Simona Brambilla, M.C., Superiora-Geral das Irmãs Missionárias da Consolata; Rita Calvo Sanz, O.D.N., Superiora-Geral da Ordem da Companhia de Maria Nossa Senhora; e a Senhora Olga Krizova, Presidente-Geral do Instituto Secular das Voluntárias de Dom Bosco.

Bispo de Moramanga (Madagáscar), D. Rosario Saro Vella, S.D.B., transferindo-o da Diocese de Ambanja.

Auxiliar da Arquidiocese de Antananarivo (Madagáscar), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Jean Pascal Andriantsoavina, do clero de Antananarivo, ex-Reitor do Seminário Filosófico Maior Interdiocesano de Antsirabé, simultaneamente eleito Bispo Titular de Zallata.

*D. Jean Pascal Andriantsoavina nasceu em Mitsinjo (Madagáscar), a 24 de março de 1969. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 5 de agosto de 2000.*

A 9 de julho

Membro do Pontifício Comité de Ciências Históricas, o Rev.<sup>do</sup> Pe. Francis Thonippara, C.M.I.

A 10 de julho

Primeiro Bispo da Diocese de Cristalândia (Brasil), D. Wellington Tadeu de Queiroz Vieira, até hoje Bispo Prelado da homónima Prelazia.

Bispo de Caruaru (Brasil), D. José Ruy Gonçalves Lopes, O.F.M. Cap., transferindo-o da Diocese de Jequié.

Bispo de Catanduva (Brasil), D. Valdir Mamede, até esta data Auxiliar de Brasília.

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, o Sr. Christoph Engel, Docente de Direito dos Meios de Comunicação na Faculdade de Direito da Universidade de Osnabrück (Alemanha).

A 11 de julho

Administrador Apostólico “sede vacante” do Exarcado para os fiéis católicos ucranianos de rito bizantino residentes na Itália, o Senhor Cardeal Angelo De Donatis, Vigário-Geral para a Diocese de Roma.

### Prelados falecidos

*Adormeceram no Senhor:*

No dia 1 de julho

D. Joseph Bolangi Egwanga Ediba Tasame, Bispo Emérito de Budjala (República Democrática do Congo).

*O venerando Prelado nasceu no dia 29 de dezembro de 1937, em Mbaya (República Democrática do Congo). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 6 de janeiro de 1966. Foi ordenado Bispo em 14 de julho de 1974.*

No dia 6 de julho

D. Lucio Soravito de Franceschi, Bispo Emérito de Adria-Rovigo (Itália).

*O saudoso Prelado nasceu a 8 de dezembro de 1939, em Mione di Ovaro (Itália). Foi ordenado Sacerdote no dia 29 de junho de 1963. Recebeu a Ordenação episcopal em 11 de julho de 2004.*

No dia 7 de julho

D. Salvatore Angerami, Bispo Auxiliar de Nápoles (Itália).

*O ilustre Prelado nasceu em Nápoles (Itália), no dia 26 de novembro de 1956. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 22 de junho de 1997. Foi ordenado Bispo em 8 de novembro de 2014.*

### Início de Missão de Nuncios Apostólicos

D. Pedro López Quintana, na Áustria (14 de junho).



## ANGELUS

O Papa comentou a parábola do bom samaritano

## Não se deixar arrastar pela insensibilidade egoísta

*Não se deixar «arrastar pela insensibilidade egoísta», porque «a capacidade de compaixão se tornou a pedra de toque do cristão, aliás, do ensinamento de Jesus»: eis, segundo o Papa, a lição sempre atual da parábola do bom samaritano, comentada no Angelus de 14 de julho, 15º domingo do tempo comum. A seguir, a meditação do Pontífice.*

Bom dia, queridos irmãos e irmãs!

Hoje o Evangelho apresenta a célebre parábola do “bom samaritano” (cf. *Lc* 10, 25-37). Interrogado por um doutor da lei sobre o que é necessário para possuir a vida eterna, Jesus convida-o a encontrar a resposta nas Escrituras, dizendo: «Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua

bado e espancado pelos salteadores, e cuida dele. Sabemos que os judeus tratavam os samaritanos com desprezo, considerando-os alheios ao povo eleito. Portanto, não é por acaso que Jesus escolhe precisamente um samaritano como personagem positivo da parábola. Deste modo, quer superar o preconceito, mostrando que até um estrangeiro, até alguém que não conhece o verdadeiro Deus e não frequenta o seu templo, é capaz de se comportar segundo a sua vontade, sentindo compaixão pelo irmão necessitado e socorrendo-o com todos os meios à sua disposição.

Por aquela mesma estrada, antes do samaritano, já tinham passado um sacerdote e um levita, ou seja, pessoas que se dedicavam ao culto de Deus. Contudo, vendo o pobre homem no chão, foram em frente sem parar, provavelmente para não se contaminarem com o seu sangue. Antepuseram uma regra humana – não se contaminar com o sangue – ligada ao culto ao grande mandamento de Deus, que deseja antes de tudo a misericórdia.

Portanto, Jesus propõe como modelo o samaritano, precisamente alguém que não tinha fé! Também nós pensamos em muitas pessoas que conhecemos, talvez agnósticas, que praticam o bem. Jesus escolhe como modelo um homem que não tinha fé. E este homem, amando o irmão como a si mesmo, demonstra que ama a Deus com todo o coração e com todas as forças – ao Deus que ele não conhecia – e, ao mesmo tempo, exprime verdadeira religiosidade e plena humanidade.

Depois de ter narrado esta parábola tão bonita, Jesus dirige-se novamente ao doutor da lei, que lhe tinha perguntado: «quem é o meu próximo?», dizendo-lhe: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» (v. 36). Deste modo, realiza uma inversão em relação à pergunta do seu interlocutor, e também à lógica de todos nós. Leva-nos a entender que não somos nós quem, com base



nos nossos critérios, definimos quem é o próximo e quem não o é, mas é a pessoa em situação de necessidade que deve poder reconhecer quem é o seu próximo, ou seja, «quem teve compaixão por ele» (v. 37). Ser capaz de ter compaixão: eis a chave! Esta é a nossa chave. Se diante de uma pessoa necessitada não sentires compaixão, se o teu coração não se comover, quer dizer que algo está errado. Presta atenção, prestemos atenção! Não nos deixemos arrastar pela insensibilidade egoísta! A capacidade de compaixão tornou-se a pedra de toque do cristão, aliás, do ensinamento de Jesus. O próprio Jesus é a compaixão do Pai por nós. Se caminhares pela estrada e vires um desabrigado deitado no chão, e passares sem olhar para ele ou pensares: “Mas é efeito do vinho. É um bêbado”, questiona-te não se aquele homem está embriagado, pergunta-te se o teu coração não se endureceu, se o teu coração não se tornou gelado. Esta conclusão indica que a misericórdia por uma vida humana em situação de necessidade é o verdadeiro semblante do amor. É assim que nos tornamos verdadeiros discípulos de Jesus e que se manifesta o rosto do Pai: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (*Lc* 6, 36). E Deus, nosso Pai, é misericordioso, porque tem compaixão; é capaz de sentir esta compaixão, de se aproximar da nossa dor, do nosso pecado, dos nossos vícios, das nossas misérias.

A Virgem Maria nos ajude a compreender e sobretudo a viver cada vez mais o vínculo inseparável que existe entre o amor a Deus,

nosso Pai, e o amor concreto e generoso pelos nossos irmãos, e nos conceda a graça de sentir compaixão e crescer na compaixão.

*No final da prece mariana, o Pontífice fez um novo apelo a favor da paz na Venezuela, e saudou os vários grupos de fiéis presentes.*

Caros irmãos e irmãs!

Desejo manifestar mais uma vez a minha proximidade ao amado povo venezuelano, particularmente provado pela persistência da crise. Peçamos ao Senhor que inspire e ilumine as partes envolvidas, a fim de que possam chegar quanto antes a um acordo que ponha fim aos sofrimentos do povo, para o bem do país e da região inteira.

Saúdo de coração todos vós, romanos e peregrinos da Itália e de várias partes do mundo: as famílias, os grupos paroquiais, as associações.

Saúdo em particular os jovens da diocese de Pamplona y Tudela; os do curso para formadores, promovido por “Regnum Christi”; as Irmãs da Sagrada Família de Nazaré, que celebram o Capítulo Geral; e os jovens crismandos de Bolgare (Bergamo).

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis polacos, a vós [*indica os fiéis na praça*] e a quantos participam na Peregrinação anual da Rádio Maria ao Santuário de Czestochowa. Saudemos todos os polacos peregrinantes.

Desejo bom domingo a todos e, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



*No Evangelho de hoje, Jesus propõe como modelo o samaritano, que amando o irmão como a si mesmo, demonstra que ama a Deus com todo o coração e expressa, ao mesmo tempo, verdadeira religiosidade e plena humanidade*

(@Pontifex\_pt)

alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e o teu próximo como a ti mesmo» (v. 27). No entanto, havia várias interpretações sobre quem devia ser entendido como o “próximo”. Com efeito, aquele homem volta a perguntar: «É quem é o meu próximo?» (v. 29). Nesta altura, Jesus responde com a parábola, esta bonita parábola: convidado todos vós a ler o Evangelho de hoje, o Evangelho de Lucas, capítulo 10, versículo 25. É uma das parábolas mais bonitas do Evangelho. E esta parábola tornou-se paradigmática da vida cristã. Tornou-se o modelo do modo como o cristão deve agir. Temos este tesouro graças ao Evangelista Lucas.

Personagem da breve narração é um samaritano, que ao longo da estrada encontra um homem rou-